

Língua, Literatura e Ensino, Dezembro/2014 – Vol. XI

## **LIVROS E LEITURAS DA IMPERATRIZ TERESA CRISTINA EM MEIO À CIRCULAÇÃO DE ROMANCES NO SÉCULO XIX**

Larissa de ASSUMPÇÃO

(Iniciação Científica IEL- UNICAMP / Bolsa FAPESP)

Orientadora: Profa.Dra. Márcia Azevedo de Abreu

**Resumo:** Dentro dos estudos sobre produção e circulação de romances no século XIX há, especialmente no Brasil, uma lacuna no que se refere ao estudo dos leitores. É difícil encontrar documentos ou dados sobre o leitor oitocentista que possam indicar quais os critérios de seleção utilizados na época para a escolha de livros. Restam, porém, dados sobre a biblioteca da Imperatriz Teresa Cristina Maria (1822-1889), reunidos principalmente na Coleção Teresa Cristina, parte do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e no Museu Imperial de Petrópolis. Este texto tem por objetivo discutir a utilização do material encontrado na biblioteca e nos documentos pessoais da Imperatriz para a construção do perfil de uma leitora do século XIX, e analisar a forma pela qual esses dados podem contribuir para o estudo da produção e circulação de romances, ideias e opiniões durante o século XIX.

**Palavras-chave:** História Literária; Romance; História da Leitura; Bibliotecas particulares; Século XIX.

O tema da circulação de livros, romances e impressos no século XIX vem ganhando destaque nos estudos literários atuais. Estudos mostram que a literatura circulava entre diferentes países e continentes, em diferentes línguas e que uma mesma obra poderia ser lida por pessoas de diferentes lugares e culturas em um mesmo momento<sup>1</sup>.

Porém, dentro desses estudos, há uma lacuna no que se refere ao perfil de leitores e leituras individuais realizadas durante esse período. Especialmente no Brasil, não restaram muitos documentos ou informações sobre bibliotecas de pessoas que viveram ao longo do século XIX ou sobre suas leituras. Flora Susskind diz que “(...) esse ‘primeiro leitor’ de ficção no Brasil parece ter apagado a própria pista. Nenhum bilhete, poucos dados. Poucos traços para esboçar-lhe um perfil”<sup>2</sup>. O estudo de leituras individuais, porém, é de grande valia para o estudo da história do livro e da literatura, pois pode revelar a real recepção e circulação que um autor ou livro tiveram em determinada época bem como a maneira pela qual determinadas obras eram lidas pelo público. Esse estudo é facilitado pela pesquisa de leitores específicos devido ao caráter mutável da leitura: uma mesma

---

<sup>1</sup> ABREU, M. (2012). A circulação de romances como problema para a história literária. In: Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX.

<sup>2</sup> SÜSSEKIND, F. apud SALES, G. M. A. (2003). Palavra e Sedução: Uma Leitura dos Prefácios Oitocentistas (1826 - 1881). 203 f. - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

obra pode receber leituras diferentes de acordo com o local, o leitor e os acontecimentos históricos da sociedade em que ela é lida, analisada e criticada. É devido a esses fatores que Roger Chartier defende a criação de uma “história do ler”, que afirmará como “as significações dos textos, quaisquer que sejam, são constituídas, diferencialmente, pelas leituras que se apoderam delas”<sup>3</sup>. Robert Darnton defende a mesma ideia ao falar sobre a leitura em seu livro *O Beijo de Lamourette: Mídia Cultura e Revolução*, afirmando que:

(...) A leitura tem uma história. Não foi sempre a mesma em todos os lugares. (...) Os esquemas interpretativos fazem parte de configurações culturais, que variam imensamente ao longo do tempo. Como nossos antepassados viviam em mundos mentais diferentes, deviam ler de maneira diferente, e a história da leitura pode ser tão complexa quanto a história do pensamento<sup>4</sup>

É de forma a contribuir, então, com a análise da circulação e recepção de determinados textos durante o final do século XIX que o presente estudo tem como objetivo deter-se na pesquisa e análise do acervo da biblioteca de uma personalidade específica, com uma história e posição própria na sociedade: a Imperatriz Teresa Cristina.

Nascida no Reino de Nápoles em 1822, Teresa Cristina Maria de Bourbon casou-se por procuração com o Imperador Dom Pedro II no ano de 1842, e chegou ao Brasil em 1843, sendo esse o país onde a Imperatriz viveu a maior parte de sua vida e exerceu grande parte de sua influência cultural. O pesquisador Aniello Angelo Avella destaca, em seu artigo “Teresa Cristina Maria de Bourbon: uma Imperatriz Silenciada” que “Apesar de representar o modelo das atitudes e comportamentos femininos da sociedade patriarcal até começos do século XX, ela [a Imperatriz] apresenta traços de personalidade independente, com boa elaboração cultural.”<sup>5</sup>

É devido a esses traços na personalidade da Imperatriz, e pelo fato dela representar parte importante da elite carioca durante grande parte do século XIX, que a pesquisa e análise do acervo de sua biblioteca pode ser considerada útil não só dentro do estudo da circulação dos impressos nesse período, mas também dentro do campo das leituras femininas, permitindo estabelecer, na pessoa da Imperatriz, o perfil de uma leitora oitocentista.

A primeira etapa para chegar-se a esse perfil de leitura foi realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com o estudo da Coleção Teresa Cristina. A Coleção é composta por todos os livros que faziam parte da biblioteca do Palácio São Cristóvão e que, após o golpe republicano e o exílio da Família Imperial, foram doados ao Brasil pelo Imperador Dom Pedro II, sendo seu acervo dividido entre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Biblioteca Nacional e o Museu do Rio de Janeiro<sup>6</sup>. Esse estudo baseia-se apenas nos dados coletados na parte da Coleção Teresa Cristina que se encontra

---

<sup>3</sup> CHARTIER, R. (1996). Do Livro à Leitura. In: Práticas da Leitura. Estação Liberdade., SP.

<sup>4</sup> DARNTON, R. (1995). *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. Editora Schwarcz Ltda, SP.

<sup>5</sup> Idem ibidem.

<sup>6</sup> A Carta da doação dos livros e objetos pessoais da Família Imperial Brasileira foi publicada na parte II do Tomo XIV da Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, estando disponível para visualização no site: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde o acervo literário da Coleção é composto por mais de 20000 volumes de livros, que dividem-se em diferentes gêneros e assuntos, incluindo política, religião, literatura, botânica, astronomia, entre outros. O presente estudo deteve-se especialmente na análise dos livros de prosa ficcional da Coleção, devido ao fato desse ser um gênero literário de grande circulação e difusão no século XIX e cuja recepção busca-se entender nos atuais estudos de literatura.

A Coleção Teresa Cristina contém, ao todo, 680 obras do gênero prosa ficcional, número expressivo se considerado o fato de que esse tipo de narrativa sofreu preconceito em seu início<sup>7</sup>, e não era considerado uma leitura associada à elite social ou às pessoas eruditas.

Detendo-se sobre essas obras ficcionais encontrados, é possível perceber a predominância de alguns escritores, o que possivelmente já nos permite identificar os autores com os quais não só a Imperatriz, mas toda a Família Imperial estava em contato direto. Um dos escritores em maior evidência na Coleção é o romancista Walter Scott, que aparece com 19 de seus romances, 16 deles traduzidos para língua alemã e 3 traduzidos para o francês. O escritor Eugène Sue também se destaca, aparecendo com 12 de seus romances, todos em língua francesa. O espanhol Miguel de Cervantes aparece com 8 obras na Coleção, sendo 4 delas edições diferentes de Dom Quixote de la Mancha. Em destaque, estão, também, as mulheres escritoras: a Coleção contém 12 obras da Madame de Genlis, 7 da Madame Augustus Craven, 8 romances da Anne Radcliffe, além dos 6 romances da escritora alemã Caroline Pichler e uma edição de 16 volumes de suas obras completas.

Os levantamentos de informações a partir da Coleção Teresa Cristina demonstram também a grande influência cultural europeia (especialmente francesa) na sociedade brasileira oitocentista. Considerando-se a língua em que foram publicadas as edições presentes na Coleção, destaca-se o fato de que, de um total de 680 obras, 402 foram publicados em língua francesa, seguida pela língua alemã, com 85 obras e pela língua italiana, com 70. Provavelmente essa grande predominância de livros franceses se deve ao fato de a França ter sido uma grande potência no século XIX, exercendo enorme influência cultural e literária na sociedade brasileira oitocentista, servindo tanto de “mediadora de produtos culturais ingleses, que chegavam traduzidos no Brasil, quanto como produtora original de romances”<sup>8</sup>. Outra prova da influência e predominância francesa nos livros da Coleção Teresa Cristina pode ser demonstrado através das cidades em que as obras foram editadas: das 680 obras, 378 foram editadas em Paris. Outras cidades que se destacam como local de edição das obras são Londres e Milão, com 26 obras cada uma, Bruxelas, com 20, Leipzig, com 24, e Rio de Janeiro, com 18.

---

<sup>7</sup> ABREU, M., VASCONCELOS, S. VILLALTA, L. C. ; SCHAPOCHNIK, N. Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX.. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>.

<sup>8</sup> ABREU, M., VASCONCELOS, S. VILLALTA, L. C. ; SCHAPOCHNIK, N. Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX.. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>.

A pesquisa das obras ficcionais da Coleção evidencia também, através dos dados sobre a predominância de autores, línguas e locais de edição, a grande circulação de impressos que ocorria no século XIX. Nota-se facilmente através dos números apresentados que grande parte das obras que pertenceram à Biblioteca Imperial foram publicadas, traduzidas ou editadas em cidades europeias, de onde foram transportadas ao Brasil e comercializadas em suas línguas originais ou em traduções. No caso específico do Família Imperial, porém, é provável que alguns dos livros houvessem sido encomendados e enviados para o Brasil através de pessoas específicas designadas pelo próprio Imperador para essa função. Esse fato pode ser comprovado por uma afirmação do padre Joaquim Pinto de Campos, feita em um artigo da revista O Futuro de 1862/1863:

A livraria particular do Imperador é numerosa e escolhida. De dia em dia se vai enriquecendo, porquanto Sua Majestade tem agentes seus, especiais, em Paris e Lisboa, com ordem geral para lhe remeterem, apenas saem à luz, todas as obras de importância, e em qualquer idioma, que na Europa se forem publicando.<sup>9</sup>

Já no que se refere ao gosto pessoal da Imperatriz, porém, este pode ser melhor compreendido através do estudo do documento *Livros Pertencentes à Sua Majestade a Imperatriz e que Se Encontram em seu Gabinete*. Trata-se de um manuscrito que contém o título e as principais informações relativas a 305 obras que estavam no gabinete da Imperatriz na época em que ele foi escrito<sup>10</sup>. O documento não é datado, mas o livro mais recente presente nele foi publicado em 1885, o que faz supor que ele teria sido escrito em uma data próxima a esse ano e que foi, provavelmente, a última relação de livros feita antes da expulsão da família real do Brasil e a morte da Imperatriz, em 1889. Outro motivo para pensar que este foi o último levantamento feito da biblioteca pessoal da Imperatriz se deve ao fato do documento não ter sido finalizado: os espaços destinados aos livros em língua portuguesa e espanhola foram deixados em branco, o que leva a concluir que a escrita do documento foi interrompida.

Entre os 305 livros dessa lista, existem 60 livros de prosa ficcional, divididos entre as línguas francesa (43 volumes), italiana (12 volumes) e inglesa (5 volumes). Novamente, nota-se a grande predominância dos romances da língua francesa, como aconteceu na análise dos livros da Coleção. Essa lista também faz perceber como as preferências gerais da Família Imperial, expressas pelas obras que compõe a Coleção Teresa Cristina, se repetem ou influenciam as escolhas de leituras pessoais da Imperatriz: o autor Eugène Sue, por exemplo, aparece com 4 romances na lista de livros do gabinete da Imperatriz, e a Madame Augustus Craven com 2. O autor Walter Scott também se destaca: a Imperatriz mantinha em seu gabinete, quando o documento foi escrito, 2 romances desse autor e 3 volumes de suas obras completas em francês. Outros autores que se destacam são Alexandre Dumas, com 4 romances na lista de livros e Elizabeth Gaskell, com 3.

---

<sup>9</sup> CAMPOS, J. P. de. (1862). "O Futuro" Rj.

<sup>10</sup> Apesar dos livros do catálogo pertencerem à Imperatriz, eles foram doados por Dom Pedro ao Brasil no ano de 1891 com os outros livros do Palácio, o que faz com que a grande maioria dessas obras encontrem-se também no acervo da Coleção Teresa Cristina.

Um fato interessante sobre os livros da lista das obras pessoais da Imperatriz e da Coleção Teresa Cristina como um todo é que a grande maioria deles contém marginália, tais como anotações e rabiscos nas margens das páginas, o que mostra que grande parte deles foi manuseado e lido. Porém, como a Família Imperial não tinha o hábito de assinar seus livros, é difícil saber quais pessoas os leram. Um romances, porém, de título: *Sagas: Légendes des bords du Rhin*, de Alfred von Reumont, tem uma anotação que dificilmente teria sido feita por outra pessoa além da própria Imperatriz. Trata-se de uma data (11 Giugno de 1842) escrita em língua italiana, e que provavelmente não foi feita por outro membro da família pois, além do italiano não ser uma língua falada cotidianamente pelos outros membros da Família Imperial, na data a que se refere a anotação a Imperatriz Teresa Cristina tinha acabado de se casar por procuração com o Imperador Dom Pedro II, mas ainda não estava no Brasil, onde só chegaria no final do ano de 1843. Portanto, se a anotação feita no livro foi realmente feita pela Imperatriz, supõe-se que esse livro já fazia parte de seu acervo pessoal antes do casamento, e que ela o trouxe ao Brasil junto com seu enxoval. Mais interessante ainda é pensarmos que esse livro se trata de uma obra de prosa ficcional e que, ao tê-lo escolhido para acompanhá-la na viagem, a Imperatriz já demonstra seu gosto por esse gênero de escrita.

Além dessa lista de livros, outro documento que permite conhecer ainda mais a fundo os hábitos de leituras da Imperatriz e a relação que ela mantinha com os livros é o seu diário pessoal. Parte do Acervo do Museu Imperial de Petrópolis, o Diário da Imperatriz é composto por 10 cadernos, escritos à mão, e que fazem referência aos anos de 1852 a 1868, 1871 a 1879 e 1887. Ao longo de todo esse diário, a Imperatriz conta basicamente os acontecimentos principais de seu cotidiano e faz alguns comentários sobre história e política relacionados ao Brasil e a sua relação com outros países. Todos esses fatos são narrados em uma linguagem simples e coloquial, em frases curtas e objetivas. Em todo o diário, existem 33 menções explícitas a livros, leituras ou visitas a bibliotecas e livrarias. São comuns ao longo do diário frases que tratam a leitura e a compra de livros de forma geral, sem especificar livros ou autores tais como: “Fui com Januaria alle botteche di libbri” [“Fui com Januária à loja de livros”]<sup>11</sup> ou “Stando eu tranquilamente legendo fù chamada (...)” [“Estando eu tranquilamente lendo fui chamada....”]<sup>12</sup> e outras frases que tratam a leitura como algo do cotidiano. A Imperatriz também fala algumas vezes sobre as leituras que o Imperador fazia para ela, chegando a repetir por dias a mesma frase: “Venne l’Imperatore leggere” [“O Imperador vem ler”]<sup>13</sup>. Citações como essa por parte da Imperatriz evidenciam como a leitura individual, a compra de livros e as leituras feitas em voz alta eram comuns em seu cotidiano. Também é interessante o fato de que o Imperador, que a própria Imperatriz retrata sempre como muito atarefado com as defesas de teses Colégio Pedro II, as reuniões do IHGB e com a necessidade de manter relações diplomáticas com ministros e representantes, dedique sempre uma ou duas horas de seu dia para ler com sua esposa.

---

<sup>11</sup> Museu Imperial/Instituto Brasileiro de Museus/MinC - Requerimento de Autorização nº12/2014. Tradução minha.

<sup>12</sup> Idem ibidem

<sup>13</sup> Idem ibidem

Porém, mais do que como uma atividade coletiva, a Imperatriz trata a literatura de forma pessoal, chegando às vezes a citar os títulos dos livros que estava lendo. No dia 8 de abril de 1863, por exemplo, a Imperatriz diz: “In casa il Se. Pachaco direttore del Colleggio di Pedro II m’impresto il libbero della *Fabiola o la Chiesa delle Catacombe* de Cardinale Nicola Wiseman”<sup>14</sup> [“Em casa o Se. Pachaco, diretor do Colégio Pedro II, me emprestou o livro da *Fabiola o la Chiesa delle Catacombe*, de Cardinale Nicola Wiseman”]. No dia 25 de abril do mesmo ano, ela diz: “Ho finito di leggere *Fabiola*” [“Terminei de ler *Fabiola*”]<sup>15</sup>. Dados como esse provam mais uma vez que a Imperatriz, além de estar constantemente em contato com obras ficcionais, também lia obras desse gênero tendo inclusive, nesse caso específico, emprestado o livro de um conhecido, narrado esse fato em seu diário e o retomado no dia em que acabou de ler a obra. Aliás, o livro *Fabiola o la Chiesa delle Catacombe* parece agradar a Família Imperial, pois existem duas edições deste mesmo livro (uma de 1856, em língua italiana e outra de 1862, em língua francesa) na Coleção Teresa Cristina, e uma delas (a de 1856) faz parte também da lista dos *Livros Pertinentes à Sua Majestade a Imperatriz e que se Encontram em Seu Gabinete*.

Ainda durante o ano de 1863, a Imperatriz relata em seu diário: “Cominciai a leggere Originaux et beaux esprits de l’Angleterre Contemporaine ed il Capitão Paulo Romance de Alexandre Dumas trazido pelo M. A. da S.” [“Comecei a ler *Originaux et beaux esprits de l’Angleterre Contemporaine e Capitão Paulo*, romance de Alexandre Dumas traduzido pelo M.A. da S.”]. Mais uma vez, então, a Imperatriz pensa ser relevante relatar em seu diário suas atividades de leitura, citando o nome dos livros que está lendo. O interessante, nesse caso, é ela ter dado destaque ao fato do livro *Capitão Paulo* ser um romance, o que pode indicar uma valorização do gênero por parte da Imperatriz. Além disso, *Capitão Paulo* é um romance que, tendo sido publicado em folhetim, na França, e depois largamente traduzido e editado em várias línguas e em diferentes cidades do mundo, teve uma larga difusão na sociedade e foi lido por todos os tipos de público, fato que indica que a Imperatriz lia os romances de grande circulação da época.

O gosto e o envolvimento da Imperatriz Teresa Cristina com o universo literário e, especialmente, com os livros de prosa ficcional, revela-se ainda mais intimamente através das cartas que ela trocava com a sua filha Isabel, também parte do acervo do Museu Imperial de Petrópolis. A Imperatriz mandava cartas quase diárias para suas filhas e, nessas cartas, ela fazia muitas referências a leituras e livros que a Princesa Isabel encomendava, e que ela mandava buscar na cidade. Mãe e filha também trocavam muitos livros entre si, e recomendavam livros uma à outra. No dia 5 de novembro de 1864, por exemplo, a Imperatriz diz em uma carta: “Com prazer recebi a tua carta de 2 (...) Vejo daquilo que me disse que Ivanhoé te interessa muito”<sup>17</sup>. Novamente destaca-se o fato da Imperatriz fazer referência a um romance de ampla circulação e leitura na

---

<sup>14</sup> Idem ibidem

<sup>15</sup> Idem ibidem

<sup>16</sup> Museu Imperial/Instituto Brasileiro de Museus/MinC - Requerimento de Autorização nº12/2014. Tradução minha.

<sup>17</sup> Arquivo Grão Pará - Museu Imperial/Ibram/MinC

sociedade, e não de obras relacionadas a um público específico. O mesmo acontece nos outros casos em que romances são citados nas cartas da Imperatriz para sua filha: no dia 1 de setembro de 1866, a Imperatriz diz: “O Borges te deve entregar o Romance de Waterloo que achei e te peço de aceitar. Este romance poderá entreter-te também a Gaston<sup>18</sup>”<sup>19</sup>. E no dia 28 de agosto de 1868: “Minha querida filha Isabel, aproveito do capellão que vae amanhã para as Aguas Virtuosas, para escrever-te estas duas linhas, e mandar-te o livro que tua Mana acabou que é Uma Família Inglesa que teu Pae lhe emprestou e agora a te.”<sup>20</sup>

O fato dos livros citados serem de ampla difusão e leitura em diversos estratos sociais dialoga com a afirmação de Chartier de que “A circulação dos mesmos objetos impressos de um grupo social a outro é, sem dúvida, mais fluida do que sugeria uma divisão sociocultural muito rígida, que fazia da literatura erudita apenas uma leitura das elites e dos livros ambulantes apenas as dos camponeses.”<sup>21</sup>. Essas informações também mostram como, apesar pertencerem à mais alta elite brasileira, os membros da família imperial, além de lerem os livros de larga circulação também os possuíam em sua Coleção, que contém muitas obras semelhantes às que existiam em bibliotecas públicas da época, ou que haviam sido publicados em folhetim.

Além disso, os dados colhidos através dos documentos e objetos pessoais da Família Imperial demonstram a grande proximidade desta família com as obras ficcionais, que eram lidas, trocadas e transmitidas entre pai, mãe, filhas e genros. Essa troca de obras pode ser evidenciada através do último trecho citado das cartas da Imperatriz, na qual ela fala sobre o romance *A Família Inglesa*, de Júlio Diniz, e indica que este já havia sido lido por Dom Pedro II, que o emprestou à sua filha Leopoldina e depois à Isabel. E antes disso a própria Imperatriz enviou o *Romance de Waterloo* para a sua filha e seu genro, prometendo que esse romance iria “entretê-los”. Neste último caso, a forma com que a Imperatriz se refere ao romance é importante também para tentar compreender a maneira com que o gênero era visto por ela e pelos demais membros da família: nota-se que ela se refere ao livro como uma forma de entretenimento, fazendo com que este ocupe em seu cotidiano uma forma de lazer, e representando desta forma um papel diferente dos livros de estudo ou dos livros de orações, que também obtinham posição de destaque dentro da biblioteca da família.

São informações como essas que, somadas aos outros dados colhidos por meio da Coleção Teresa Cristina, representam evidências importantes sobre a recepção do gênero romance pela Imperatriz e sua família, podendo servir como forma de estudo sobre o papel que este gênero tinha na sociedade oitocentista e auxiliar na compreensão das maneiras pelas quais os livros eram produzidos, vendidos, trocados e lidos dentro de uma das camadas da sociedade brasileira oitocentista.

---

<sup>18</sup> Louis Philippe Marie Ferdinand Gaston d'Orléans (1842-1922), Conde d'Eu, foi o esposo da Princesa Isabel.

<sup>19</sup> Arquivo Grão Pará - Museu Imperial/Ibram/MinC

<sup>20</sup> Idem ibidem

<sup>21</sup> CHARTIER, R. (1996). Do Livro à Leitura. In: Práticas da Leitura. Estação Liberdade., SP.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M. (2012). A circulação de romances como problema para a história literária. In: Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX.
- ABREU, M., VASCONCELOS, S. VILLALTA, L. C. ; SCHAPOCHNIK, N. Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX.. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>.
- CAMPOS, J. P. de. (1862). “O Futuro”. Rj.
- CHARTIER, R. (1996). Do Livro à Leitura. In: Práticas da Leitura. Estação Liberdade., SP.
- DARNTON, R. (1995). O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução. Editora Schwarcz Ltda, SP.
- SÜSSEKIND, F. Apud SALES, G. M. A. (2003). Palavra e Sedução: Uma Leitura dos Prefácios Oitocentistas (1826 - 1881). 203 f. - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.